

O QUE FALO E PRODUZO DA MINHA CIDADE

Moema Martins Rebouças
PPGE/UFES

Resumo

O artigo é um recorte de uma pesquisa de campo de realizada em escolas, em diferentes regiões da cidade de Vitória, em um percurso que envolveu quatro zonas da cidade, a fim de promover uma interação espaço-bairros, com os seus habitantes e vivenciarmos como ela é semiotizada pelas crianças que ali vivem. Como suporte teórico foi escolhida a semiótica discursiva para analisar as produções plásticas e as falas das crianças. Aqui, apresentamos os discursos verbais e visuais das crianças que vivem no Bairro São Pedro, em uma de nossas duas intervenções, na escola municipal Tancredo Neves.

Palavras-chave: educação não-formal, semiótica e da leitura.

The article is a cutting of a field research conducted in schools, in different regions of the city of Vitória on a route that involved four areas of the city, in order to promote an interaction in these space-districts, with its inhabitants, and to live through how it is semiotized by the children living there. As theoretical support it was chosen discursive semiotic theory to analyze the children plastic productions and speech. We present, here, the verbal and visual discourses of children that live in Bairro Sao Pedro in one of our two interventions, in Tancredo Neves town school.

Key-words: non-formal education, semiotics and reading.

Ao assumirmos a posição do viajante estrangeiro, nos fortificamos pelo desejo de conhecer o outro e as suas produções. O outro espaço educativo que não o da sala de aula, o outro educador chamado de “professor comunitário”, a diretora, a coordenadora, a merendeira, a bibliotecária, o vigilante da escola, a professora, as crianças. Com esses “outros”, conhecer e dar visibilidade a uma cidade que habitamos de nome Vitória, e pensar junto com eles como podemos ressignificá-la por meio da arte. Para tanto, admitimos a existência das várias cidades que moram em nós e advogamos também que a arte como linguagem pode manifestar essas cidades em produções plásticas, sonoras, musicais e gestuais. O nosso desejo foi e continua sendo o de conhecer a Vitória resultante de processos sócio-culturais, e a inserção dos bens naturais e simbólicos a partir do olhar singular dos sujeitos. O que apresentamos aqui é um recorte de uma etapa de uma pesquisa¹ que abrangeu quatro cantos de uma cidade no ano de 2007, que continuou no ano de 2008. O recorte que fazemos é de uma intervenção que ocorreu em um bairro na baía noroeste de Vitória, no estuário onde se localiza o maior manguezal do Espírito Santo. A partir dos anos 90,

intensificaram-se os investimentos em urbanização, desenvolvimento socioeconômico, recuperação e preservação ambiental. Atualmente nessa área da cidade estão 10 bairros que compreendem, segundo os dados da Prefeitura Municipal de Vitória, ainda, a região mais carente e de povoação mais recente. A população dessa região é composta de aproximadamente 28 mil pessoas e lá está localizada a escola de ensino fundamental Tancredo Neves, na qual desenvolvemos o projeto. De um lado fica o canal que circunda essa parte da ilha e de onde se avista o município vizinho, de outro o maciço de pedra que separa essa região do centro da cidade. Apesar da bela localização do bairro, raramente as páginas dos jornais capixabas enaltecem São Pedro por sua beleza; as notícias estão nas páginas policiais retratando a violência que acompanha as regiões de tráfico de drogas, um retrato de tantos bairros brasileiros e não exclusivamente dali.

Discursos verbais

A idéia de “aplicação” de uma proposta passa distante do que ocorreu nas oficinas que ocorreram na Escola Tancredo Neves. Lá estávamos dispostos a interagir com/e na escola na busca do que pensamos ser a aproximação ao universo escolar em que nos encontrávamos, afinal não somos moradores daquele bairro, portanto devemos destituir-nos de nossas certezas advindas de nossa inserção cultural e toda carga de informação que recebemos e aprender a abrir bastante os olhos e ouvidos para escutar os sons e ver a paisagem que se apresenta diante de nós. Se não conseguimos, tentamos chegar lá e conhecer e sentir São Pedro pelas mãos e olhos de quem lá vive.

Esta decisão vem ao encontro a uma postura que desde o início nos desafiava: Como estar junto com as crianças para interagir com elas, e não falarmos sobre elas e suas produções tal qual um observador que se coloca à distância? Landowski nos aponta um caminho metodológico, que é o de aproximação ou, como ele diz, “(...) passar para o outro lado do espelho, isto é, adotar uma perspectiva de *em frente*”(LANDOWSKI, 2002, p.35). Estar com elas para assim apreender os efeitos de sentido tão próximos quanto nos for possível nessa relação. Dentro do possível, vamos nos deter aqui em descrever e analisar cada dia vivido juntos nessa comunidade.

O projeto propunha uma metodologia de intervenção invariante dentro da variabilidade de bairros, escolas e pessoas, que convivemos. Nela, elegemos como argumentos persuasivos, provocadores das discussões no interior das oficinas de produção plástica propostas em cada escola: a cidade que queremos, a cidade que não queremos e a cidade que desejamos e que habita em nós. Atuando conosco os alunos do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFES.

A CIDADE DAS CRIANÇAS

A faixa etária das crianças era de sete a nove anos, algumas delas traziam também seus irmãos, primos ou amigos menores, o que elas falaram e produziram em nossos encontros é o que vamos apresentar. Abaixo uma síntese das “falas” dos alunos anotadas em um grande quadro branco sobre o seu bairro/cidade:

O QUE A CIDADE TEM?	O QUE NÃO TEM?	O QUE QUEREMOS!
ruas	shopping	amor
violência	circo	paz
oficina de bicicleta	Yahoo	carinho
loja de calçado	roda gigante	alegria
barco	cinema	escola melhor
oficina de carro	rio	felicidade
escola	trem	harmonia
A maré	presidente Lula	respeito ao meio ambiente
ponte	cachoeira	lancheonete
farmácia	caramujo	pizzaria
peixe	diversão para as crianças	piscina
caranguejo	neve	jardim de rosas
igreja	rbd	zoológico
pracinha	biblioteca	mais ruas asfaltadas
paisagem bonita		mais higiene
policlínica		cidade mais limpa
sorveteria		lixo seletivo
funerária		
mangue		

Nessa primeira intervenção, cada criança falava e anotávamos no quadro os seus destaques, que não eram repetidos pelos demais, portanto importava aqui pontuar os diversos olhares e não somente as reiteraões discursivas. Na primeira coluna, o que a cidade tem foram destacados o planejamento do bairro, considerando desde as suas ruas, praças e ponte, à sua constituição urbana. Embora inicialmente caracterizado como bairro

residencial, há em São Pedro um comércio e bens de serviço; em contraposição aos bens arquitetônicos e à cultura estabelecida ali, há também a natureza contemplada e lembrada pelas crianças com a citação dos peixes e caranguejos, motivo de reconhecimento do bairro que abriga as associações de Catadeiras de Siri e diversos restaurantes num lugar denominado Ilha das Caieiras; há ainda ali o mangue, a maré e uma paisagem bonita, conforme as crianças citaram. Destoando desses aspectos paisagísticos e de construções urbanas, a citação da violência, que caracteriza as nossas cidades, é lembrada por essas crianças, revelando estarem atentas a essa convivência cotidiana imposta aos seus habitantes. Entretanto, a banalização não a diferencia dos demais aspectos que o bairro possui, aqui na fala dessas crianças, a violência está tão presente como o caranguejo ou a sorveteria.

Na segunda coluna, o *que não tem* em São Pedro, as crianças brincam com as possibilidades tal como a de comparar o seu bairro com outras regiões conhecidas trazendo para ele os desejos e as expectativas que possuem, nessa conduta citam a cachoeira que está presente na memória do menino que visita os parentes na cidade de Santa Leopoldina, cidade montanhosa de colonização italiana distante uns 60 km dali; ou a neve que viram na televisão. Entre os elementos citados, é a falta de um espaço de lazer que é destacada: criança quer brincar, mas brincar onde? Cadê o circo, o cinema, a roda gigante? Além de brincar, o consumo tão presente em todas as esferas de nosso cotidiano, não está esquecido, lembraram-se do Shopping, local de passeio de muitos deles nos fins de semana; e, como parecem gostar de estudar lembraram também que não há ali biblioteca fora daquela que as escolas oferecem. A citação do caramuru é curiosa, pois é um peixe que vive na maré rasa, e que entre as algas pode morder quem transitar entre ele. A associação que faço é a de pais que afirmam a presença desse peixe como modo de impedir as crianças de entrar na maré, e elas corajosamente negam essa presença. “Aqui não tem caramuru!! afirmando o desejo e a prática de usufruir dos banhos de mar.

E o *que querem* para São Pedro?

As crianças querem viver melhor e em harmonia, estão em conjunção com/e na busca da paz, do carinho, alegria, felicidade; possuem também a consciência de seus direitos e deveres de cidadãos em sua cidade, almejando

o respeito e ações como a de uma cidade mais limpa, com boa coleta seletiva e mais higiene. Lembraram que esse bairro nasceu no lixão, e dali se transformou no que vemos hoje. Por último, enfatizaram o lazer presente em locais distantes de São Pedro como o zoológico(não há no estado do Espírito Santo um único zoológico), a pizzaria, a piscina. Intrigante é o desejo do jardim de rosas, manifestado como um querer dessa criança que almeja, um outro espaço, tão simples de se obter.

Nas falas dessas crianças, ao nos apresentar o seu bairro, revela-se um estado desses sujeitos em conjunção com a natureza, com o lazer, com o ser criança sem esquecer-se de seus direitos e deveres. E são essas temáticas que surgem em seus desenhos e produções quando convidadas a desenhar esse bairro.

AS PRODUÇÕES PLÁSTICAS? COMO ELA FAZ, O QUE REFORÇA, O QUE EXCLUI?

Os primeiros desenhos foram propostos com colagens de revistas, tendo como suporte não mais a folha em branco, mas uma pasta de papelão tamanho A4, onde eles puderam criar essa cidade que mora dentro de cada um e apresentá-la como se fosse um livro que ao ser aberto nos mostra o que tem dentro, e como é.

Assim, sempre fazendo uso de variados materiais, criamos e recriamos esta cidade que é São Pedro de variadas formas e jeitos. Aos poucos notamos que elas foram se soltando e criando cada vez mais situações desenhantesⁱⁱ a nos desafiar.

Com a mesma turma e dando continuidade à intervenção na escola mudamos os materiais a serem ofertados, abandonamos o “familiar” em suportes como folhas, em proposições como os recortes e colagens e a oferta das tintas. Iniciamos outra série de encontros apresentando os materiais que seriam disponibilizados para a produção, inicialmente cartões coloridos e massa de modelar. A essa apresentação, seguiram os primeiros questionamentos: como trabalhar a massa de modelar numa superfície bidimensional? O costumeiro e familiar estava na possibilidade de criação de volume e de formas tridimensionais. Explicamos que o material, em nossas mãos assume outras possibilidades e elas correspondem aos desafios que

enfrentamos para nos apropriarmos dele. Assim é a criação artística, um aprender-fazendo e vivendo a experiência desse aprendizado. Perceber e sentir as possibilidades do material nas nossas próprias mãos, em contato com ele, pois é uma processualidade que depende de quem o manipula e do que faz com ele. A nossa preocupação com essa abordagem estava em desmistificar a ideia de exemplaridade, ou de modelo a ser seguido, apropriado e copiado por eles. Cada um é um criador e o material adquire consistência e forma nas e pelas mãos de quem o manipula. As ações não se restringem a um modelar, mas a esticar, a comprimir, a misturar cores, a suprimir, com o objetivo de nesse processo fazer surgir em cada trabalho, de cada criador, a sua composição plástica e nela estar ali figurativizado o tema instigador.

QUAL TEMÁTICA A PLÁSTICA NOS APRESENTA?

Considerando os 40 (quarenta) cartões que nos foram presenteados, e que reiteram as produções realizadas pelas crianças, (os demais cartões as crianças levaram consigo), a natureza aparece figurativizada em animais (9); em flores, árvores, mar, cachoeiras (18) e em contraposição a ela, temos a cultura em formas geométricas(4) e uma cena que nos remete à violência urbana(1). Se relacionarmos essa produção plástica, aos discursos verbais das crianças no início de nossos encontros quando, convidados a falar e a nos apresentar o bairro em que vivem e as expectativas e desejos que possuem nesse espaço, percebemos que há uma reiteração de alguns percursos figurativos que reiteram temas como da natureza e da cultura em sentido eufórico. Destacamos as citações da natureza figurativizada na maré, no peixe, no caranguejo, no mangue e na paisagem bonita. Ou ainda apontando o que São Pedro não tem, o lúdico permanece presente em citações como cachoeira, caramujo, rio, roda gigante entre outros. Em contraposição e, em menor recorrência temos as citações do disfórico para essas crianças, para elas a violência é citada e a morte é lembrada porque lá, em São Pedro tem a funerária.

A seguir, vamos nos deter em cada uma dessas categorias figurativizadas e analisar o plano de expressão a partir dos seus elementos constitutivos: o cromático, referente às cores; o eidético, às formas; o topológico, que engloba os dois anteriores, pois trata da distribuição na

superfície plástica, abrangendo, inclusive o suporte/cartão; e ainda o matérico, que nesse caso é a massa de modelar como produtora de efeitos nessa composição, na junção que faz com a superfície do cartão.

Como o plano de expressão é indissociável do conteúdo, a opção de iniciarmos por ele se justifica, pois é nele que o modelar plástico formador da imagem no cartão se processa nas várias ações/intervenções da criança, como descrevemos mais acima. Que procedimentos são estes? O que nos apresentam e como? São essas questões que queremos responder com essa análise, que tem a pretensão de extrapolar a descrição superficial desses textos imagéticos e nos fazer ler, e apreender neles, por suas faturas, as experiências subjetivas que o desenho e seus desenhantes nos apontam.

Para os que buscam a referência com o mundo naturalⁱⁱⁱ, aquele em que nós estamos, a primeira pergunta será, “que bichos são esses, ou que flores são essas?” Essa questão está presente em muitas salas de aula, pela voz da professora, ao ver um desenho da criança, ou ainda é feita pelos pais, ou mesmo por uma criança para outra. Parece que para alguns ela é tão importante e tão crucial que embaça o olhar para “ver” o desenho, importa mais o que é, como o identifico e a quais referencias se aproxima. O nosso olhar é outro, embora não estejamos completamente distanciados dessa iconicidade do mundo; podemos nomear, por exemplo, o desenho, pela figura que identificamos nele, mas certamente não será o modo de fazer mais parecido com ela, que guiará o nosso juízo de valor sobre essa produção. Uma atitude é nomearmos o desenho, outra é nos guiarmos por critérios de fazer-parecido com o “real” para atribuir qualidade a ele. É importante desde já deixarmos clara essa posição que adotamos como analistas de desenhos, ou até melhor dizendo, os princípios que estabelecemos para conversarmos com eles. A escolha por alguns desenhos e não por todos deve-se a critérios de exiguidade de tempo e a representatividade da temática reiterada nas demais produções. Não há também aqui um critério de valor, como de beleza, ou de habilidade, ou até mesmo de solução de problemas artísticos. Para este artigo apresentaremos somente uma imagem de cada categoria, excluindo ainda a da geometrização.

1.A massa modela animais



Imagem 1. Fonte: Arquivo pessoal, 2007.

Num primeiro olhar podemos pensar, “um desenho tão simples”, mas nos detendo nele, percebemos a riqueza dos detalhes e a ordenação que a desenhante fez. Uma superfície vermelha de cartão destaca uma primeira opção, a de cor e nela temos um enquadramento de uma figura, emoldurada completamente pela massa de modelar. Na parte de baixo, a menina faz uma faixa verde, e sobre ela desenha triângulos. Não é um traçado leve, superficial sobre a massa, ao contrário, é como se gravasse rompendo a superfície da massa até encontrar o vermelho do suporte, formando traços de linhas vermelhas. Sobre essa faixa que figurativiza aqui, no que parece ser uma grama, temos um bicho, desenhado com a massa, de perfil, da cor marrom, com um olho branco. A opção de apresentá-lo de perfil possibilita a visão de todo o seu corpo e partes, as suas quatro patas, o rabo e a cabeça, com o único olho que é possível se ver nessa posição. A sua cauda está caída e a cabeça, levemente erguida, como se pousasse para algo ou alguém. Uma parada? Na simplicidade dessa estrutura, a essência do bicho e seu corpo é a do desenho da figura, é ele que se encontra posicionado ao centro dos demais elementos da natureza. Continuando, acima dele, à esquerda, um sol ocupa toda a lateral, e é desenhado do mesmo modo que a faixa de baixo, gravado no cartão, ao lado dele e dando a ideia de continuidade, a faixa azulada com inscrições gravadas em semicírculos, nos remete pela posição e desenho às nuvens no céu. Temos então uma cena criada em um dia ensolarado, de céu azul e grama muito verde, dando destaque a um bicho que pousa para um

quadro/pintura de massa.Completando a ideia de moldura, ambas as laterais, da direita em marrom, e à esquerda em vermelho, cercam e delimitam, tornando este um espaço englobante e centralizado. As cores complementares, vermelho e verde, são contrastantes e reforçam a luminosidade figurativizada pelo sol. Se pensarmos nas relações entre central versus periférico, claridade versus obscuridade, saturação versus dessaturado, podemos sentir a exaltação da cor, da claridade e da natureza nesse desenho, uma natureza de completude, com harmonia entre terra verde e o celeste do céu para realçar o bicho que a criança nos presenteou.

2.A massa modela cachoeiras, flores e montanhas.



Imagem 2. Fonte: Arquivo pessoal, 2007.

O azul está de tal modo distribuído na superfície desse cartão preto, que, mesmo na horizontalidade da sua estrutura retangular, parece desenhar uma cachoeira pela verticalidade da direção descendente e estreita, que se abre ocupando toda a parte inferior do desenho. O sol em sua ocupação acima e à direita nos dá a direção dessa composição, e ele tem olhos rasgados e um amplo traço figurativizando um sorriso expansivo. Mesmo sem assinatura, as marcas dos dedos na pressão com a massa em algumas regiões clareiam e adensam a superfície, dando movimento à composição. No mesmo proceder, os ângulos repetidos, gravados no azul, reiteram o efeito de movimento e, pontualmente sobre essa região, está na cor verde uma figura que nos lembra um sapo, dado por sua forma e cor. Se em São Pedro não há cachoeira, não importa, nem se é uma cachoeira, o que importa são as relações que o

desenho nos permite fazer, e elas só são possíveis à medida que nos expomos e nos colocamos em conversa com ele, e nesse processar apreendemos o desenhante que há nele a partir das marcas de autoria impressas ali.

3...e a violência



Imagem 3. Fonte: Arquivo pessoal, 2007.

Em contraste com todos os desenhos anteriores e em menor recorrência está a violência figurativizada pelo desenhante como tema. Ela é apresentada na relação com o verbal “FUI”, um jargão usado e apropriado aqui. O cartão é negro e nele a figura de um(a) boneco(a) de massa marrom com todas suas partes constituintes, ao mesmo tempo que uma pequena massa amarela quebra a predominância da cor e ocupa o lugar da cabeça. Não há indícios de gênero, nem qualquer outro elemento figurativo identificador nesse(a) boneco(a), pode ser qualquer um ou uma. Também em amarelo o perfil de uma arma avança no F composto de marrom e amarelo, tal qual do corpo. É da morte que o desenhante trata, e ela extrapola os limites do cartão, ao mesmo tempo que esse corpo é modelado e posto ali, de braços abertos.

CAIXAS/ DESENHOS

Apresentadas essas produções e análises, vamos dar continuidade a descrição da oficina e de outras propostas que desenvolvemos ali junto às crianças. Ainda com a massa, o suporte que oferecemos é outro, e o desafio foi a criação de uma "caixa de presente". O objetivo era que os alunos pudessem

demonstrar seus potenciais perceptivos, suas subjetividades e invenções na confecção de um outro trabalho individual.

As crianças foram levadas a imaginar que lembranças e objetos gostariam de guardar para sempre. Como material suporte distribuimos latinhas de cigarrilhas para a montagem de uma caixa/desenho. Além das latinhas, distribuimos folhas de revistas e massinha de modelar, de várias cores, para cada um. Elas utilizaram dentro da latinha a massinha para compor o presente e por fora recortes e colagens de revistas para envolver, enaltecendo o que deveria ser visto e escondendo o que não deveria. Essas latinhas trazem mensagens de alerta contra o tabagismo e as soluções encontradas pelas crianças para interagir com elas e nelas foram muito diversificadas e singulares.

Foram produzidas mais de cinquenta caixas/suportes, e nelas foi reiterada a temática dos cartões: a da relação e exaltação da natureza em sua maioria, e, em menor manifestação, as formas geométricas e a tematização da violência. Destaca-se nessa fatura a diferença entre gênero atenuada na primeira produção, a dos cartões. Entretanto, como o limite deste artigo não nos possibilita a apresentação das categorias que essas produções nos apontaram, elegemos uma delas para exemplificar o percurso temático dessas produções. Nela, podemos diferenciar o feminino do masculino como na imagem abaixo.



Imagem 4. Fonte: Arquivo pessoal, 2007.

A feminilidade se apresenta na escolha das figuras e no modelar que a desenhante fazem. O que varia são as figuras contidas nelas e as ocupações dos espaços de maior extensão nelas do que nos trabalhos deles. Há também, nos recortes realizados pelas meninas, uma opção pelos desenhos e não por fotografias de pessoas, ou de objetos. Tal proceder reitera o desenho, e nele a

presença da figura feminina. Na maioria das produções femininas, como nas que estão aqui, essa prática se manifesta. Na primeira caixa fechada vemos uma relação passional entre dois personagens recortados de uma revista e colados na caixa, no tamanho exato dela; em seu interior é uma paisagem feita de massinha que ocupa todo o espaço interior da mesma, do outro lado, a da tampa não houve nenhuma interferência da desenhante/modeladora. Nas demais caixas, todas as superfícies foram alteradas, algumas pelo recorte e outras pelo desenho com a massinha.

Na outra imagem abaixo, a masculinidade se apresenta.



Imagem 5. Fonte: Arquivo pessoal, 2007.

Ao abriremos a caixa, uma outra paixão, a dos bonecos que figurativizam os heróis que estão no imaginário infantil? Ou é da vida e da violência do bairro que trata? As figuras criadas pelo desenhante ocupam os dois espaços, e na do interior não há outros elementos plásticos, senão o seu suporte dourado que a contém. Ao mesmo tempo, ao olharmos mais de perto, nos vemos ali, é o menino, o seu reflexo e somos nós que interagimos com ela e nosso reflexo.

Além destas, outras estratégias são apresentadas pelas crianças na fatura de suas caixas/desenhos, como a de estabelecer a relação entre o visual e o verbal. Em algumas produções a criança encobre todo o texto verbal da caixa suporte, outras vezes dialoga com ele. Um exemplo é da utilização de um recorte de uma figura de desenho de uma menina com uma grande lupa e um jornal embaixo do braço, numa colagem em que se lê “...rocurar trabalho”; abrimos a caixa e nela uma espiral, gravada na massa que contém todas as cores, cria o efeito de continuidade e de movimento; viramos o exterior e lemos numa outra colagem que forra toda a caixa “não cheque perto!”, “é meu!” num tom de personalidade.

Se pensarmos que as produções criativas, quando solicitadas por um adulto, não estão para serem “obedecidas pelos alunos”, mas antes são desafios que diante delas, serão solucionados de diferentes modos, tanto quanto são diversos os sujeitos em suas ações e mesmo em seus estados de alma. Uma produção infantil, assim como a produção de um adulto, mesmo se pensada a priori, é repensada enquanto executada, ela vai seguindo a mobilidade do pensamento, dos materiais, dos suportes, da composição. Depois de terminada, pode se aproximar da resposta inicial pensada ao desafio ou afastar-se, contudo ambas designam processos criativos diferenciados. Picasso falou que um quadro vive sua vida da mesma forma que um ser humano, e sofre as mudanças que o cotidiano nos impõe^{iv}, a produção das crianças também.

Abaixo transcrevo a observação de uma das monitoras que atuaram no projeto sobre esse dia:

“E no movimento de buscar giz de cera, pincel, paninho, água, mais papel, mais tinta, massinha, “mais uma latinha, tia” íamos percebendo a satisfação, o empenho e a compulsão por produzir que só confirmava um pensamento: “a arte realmente envolve, encanta e ensina! E sem demagogias maiores, vale a pena o tempo de vivência informal do ensino na escola!” (Christel Bautz Gomes, 2007).

Desta forma, apresentamos conceitos que para aquelas crianças foram novos e possibilitaram estabelecer relações entre as produções que realizaram e o seu meio. A aceitação e o envolvimento da escola e da comunidade também contribuíram para o envolvimento das crianças.

Encerramos a descrição e análise da oficina com a fala de outra monitora do projeto, a Gabriela.

“Acreditamos que através de projetos de ensino que envolvam o aluno, a escola e a comunidade onde estão inseridos, abre-se o espaço para um ensino mais humano, visto que professor de Arte tem o potencial de trazer à tona o imaginário e a ousadia do aluno, sempre respeitando o tempo e os limites de cada um.”

É fundamental pensar a arte como área do conhecimento humano e, ancorada em abordagens relacionadas ao seu ensino, que nos possibilite reflexões e a retomada da identidade cultural do aluno na condição de agente participante do que o rodeia.

É importante notar, que para o grupo de monitores (estudantes licenciatura em Artes Visuais) que participaram neste projeto as particularidades do contexto tiveram um papel primordial na orientação da prática pedagógica. Não foi uma prática reprodutora de uma técnica, como as que ainda hoje vivenciam em seus cursos de formação. A inserção deles na escola por meio de um projeto fortalece uma percepção de educação um pouco mais próxima do que a estabelecida no cotidiano escolar.

Aqui, a conceituação de educação é abrangente, não sendo simples sinônimo de uma hierarquização do ensino que nos remete a perceber que, da mesma forma, o sentido de inclusão da criança na escola e divisão de tarefas curriculares é amplo, e se ancora fundamentalmente nos princípios e valores que a sociedade vem construindo com grande esforço, no sentido do respeito à diversidade, em que as crianças e adolescentes se vejam valorizadas como construtores da sociedade, agentes da cidade em que moram, de sua história, inseridos na ordem educacional e, principalmente, que tenham acesso aos direitos básicos e fundamentais da vida.

É importante comprometer-se com uma escola que não é somente um centro educacional, mas também um centro social, cultural e político. Assim, ao tratar da arte na educação escolar, é possível propor algumas reflexões que nos possibilitem um melhor entendimento das transformações no processo de ensino/aprendizagem da arte e sua importância na relação do aluno com seu contexto escolar.

Coube, portanto, a essa oficina de arte, inserida em um projeto maior e mais amplo, proporcionar aos alunos do EMEF Tancredo de Almeida Neves as experiências estéticas, a partir das quais onde lhes foi possível, entre outras coisas, produzir e ler imagens, a fim de que a experiência artística das crianças estivesse diretamente ligada à sua experiência estética e cultural diante de sua cidade.

ⁱ A pesquisa foi publicada em livro com o título “ A cidade que mora em mim” pela EDUFES em 2009.

ⁱⁱ Desenhantes é um termo criado por Frange (2002), e adotado aqui pois extrapola o desenhista que possui um caráter mais técnico.

ⁱⁱⁱ Cf. Greimas: O mundo natural é aquele em que nós estamos e que nós ‘habitamos’.

^{iv} Cf E. Derdick, In: Formas de pensar o desenho, pg.185.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DERDICK, Edith. *Formas de Pensar o desenho*. São Paulo, Ed, Scipione, 1989.
- FRANGE, Lucimar Bello e VASCONCELLOS, Luiz Gonzaga Falcão. *Oficina de desenhos urbanos: desenhando e construindo a cidade no cerrado*. Uberlândia: UFU, PROEX, 2002.
- GREIMAS, Algirdas. *Sobre o sentido*. São Paulo. Vozes, 1975.
- LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

Currículo resumido

Professora da Universidade Federal do Espírito Santo, na graduação nos cursos de Artes Visuais e Pedagogia, e na Pós-Graduação (mestrado e doutorado) em Educação, foi Presidente da Associação Brasileira de Estudos Semióticos (2005-2007), representante regional da ANPAP no Espírito Santo, atua principalmente nos seguintes temas: arte e educação, semiótica/ensino, semiótica arte e arte.